



CINEMA PARADISO

Boletim n. 287

São Paulo, 29 de março de 2011



Próxima reunião: 10/04/2011 - DOMINGO às 16:00 h

CÓPIA FIEL (Copie Conforme)

Diretor: Abbas Kiarostami (*)

(*) Nasceu em Teerã, no Irã, em 22/06/1940. cursou Belas Artes antes de se dedicar ao cinema. Estreou-se com o filme *Nan Va Koutcheh* em 1970. Fez *O Viajante* (1974), mas a obra que o projetaria internacionalmente foi *Onde fica a Casa do meu Amigo?* (1987). Dirigiu também *Close-up* (1990), *E a Vida Continua* (1991), *Através das Oliveiras* (1994). Em 1997, ganha a Palma de Ouro em Cannes com *Gosto de Cereja* e em 1999, o Leão de Ouro em Veneza com *E o Vento nos Levará*. Outros filmes de Kiarostami: *ABC África* (2001), *Dez* (2002), *Ticket* (2005), e *Cada um com seu Cinema* (2007). Seu estilo é comparado à escola neo-realista italiana, pelo humanismo e simplicidade.

INCÊNDIOS

Até hoje, se me perguntassem qual o filme que mais me emocionou, responderia sem titubear: *Johnny vai a guerra*. Mas, *Incêndios* é muito mais tocante, além de ser muito mais bem construído. Como vamos discutir *Em um mundo melhor*, decidi assistir a *Incêndios* porque também concorria ao prêmio de melhor filme estrangeiro. E quando os letreiros finais apareceram, eu queria que a projeção recomeçasse.

Incêndios é um filme canadense, falado em francês e em árabe, quando a ação se passa no Oriente Médio. É baseado numa peça de teatro de Wajdi Monawal, autor libanês radicado no Canadá. Os atores Maxim Gaudette e Melissa Désourmeaux-Poulin são impecáveis na construção dos gêmeos.

O filme tem vários níveis. Superficialmente, pode-se classificá-lo como um policial: uma mãe recém-falecida deixa um testamento cujo conteúdo deve ser conhecido por seus filhos gêmeos. O tabelião, que era também o patrão desta senhora, solenemente faz a leitura do documento e cada um dos filhos recebe uma carta instruindo-os sobre uma tarefa a ser cumprida. Uma terceira carta só poderá ser aberta quando a etapa anterior estiver concluída. Se nas cenas iniciais a filha é

uma brilhante assistente universitária no campo da matemática pura, para cumprir os desígnios da mãe ela é lançada em outro país, mergulhada em outra cultura. Mas com o início da busca pelas origens maternas, o universo do filme se amplia. Eu não percebi em que país se passa a ação, talvez no Líbano, na década de 70, mas o importante é o pano de fundo dos conflitos religiosos, dos tabus da sociedade. Alternam-se cenas da busca da filha pelo passado da mãe e cenas reais do passado de Nawal Marwan, a mãe, cuja vida é o desdobramento das lutas sangrentas que opõem facções num mesmo país. O assassinato à queima roupa do muçulmano sedutor, o nascimento de um filho (que é dado para adoção) e a partida de Nawal



para que possa estudar na cidade e aprender a pensar são a origem de toda a trama. E quando a filha chega ao vilarejo, não aguenta todo o peso do passado. Faz uma ligação para o irmão e deixa que ouça pelo celular o ruído da natureza. E tem também o peso do círculo de mulheres reunidas que se recusam a falar sobre aquela que desonrou a família. Junto com o irmão viaja o tabelião.

Aparece então a importância dele: com sua rede de contatos vai possibilitar que o irmão (de cuja existência os gêmeos nem suspeitavam) e o pai (que julgavam morto) possam ser encontrados.

A atuação de Lubna Azabal, nas diferentes fases da vida de Nawal é soberba. Delicada enquanto é a mulher que canta para não enlouquecer e não gritar de dor, soberba quando age para atingir seus objetivos. Os gêmeos com temperamentos diferentes se completam e a resolução do enigma crucial se dá num ambiente tão formal, quase esterilizado, que é paralisante. A gente deixa de respirar quando entende... E a cena seguinte mostra os gêmeos numa piscina, mergulhados no mais profundo drama e dando braçadas vigorosas! Uma outra cena, também de reconhecimento, é contida, mas muito forte porque remete ao dia do nascimento e esclarece uma identidade. Mas

Lubna Azabal fica paralisada, como em choque. Ou seja, as grandes emoções pessoais sempre podem ser controladas e a vida pode tomar outro rumo.

Os desígnios das cartas estavam realizados. Faltava apenas entregar a carta ao destinatário: de novo o sentimento contido mascarando a angústia, revelada pela lágrima que escorre e pelos gêmeos que se afastam. E a mãe podia descansar sob uma lápide em que seu nome brilharia ao sol. Para que seu filho, que buscara freneticamente, pudesse, enfim, reverenciá-la. IMPERDÍVEL!

Ivani Rechenberg

COTAÇÃO 2011

<i>Tetro</i>	9,57
<i>Lixo Extraordinário</i>	8,96
<i>Biutiful</i>	8,85
<i>O Concerto</i>	8,63
<i>Em Um Mundo Melhor</i>	8,54
<i>Cisne Negro</i>	6,60
<i>Trabalho Interno</i>	6,62

Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma

e-mail: janetepalma@gmail.com

<http://www.grupocinemaparadiso.com.br>

UMA BOMBA FORA DA GUERRA

De um lado a dor humana; de outro, a capacidade humana de infringir dor. Esta é a constatação mais importante que o filme **Incêndios**, de Denis Villeneuve, nos inspira. É um belíssimo filme que nos prende num estado de tensão emocional e com um desfecho absolutamente inesperado.

A história começa no Canadá, com a morte da mãe de um casal de gêmeos. Ela deixa aos dois a incumbência de procurar no Líbano o pai, que eles supunham morto, e um irmão mais velho, do qual não sabiam da existência. Todo o filme consiste nessa procura, mostrada de forma muito criativa. Cada ponto que é descoberto pela filha é revelado ao espectador como um filme paralelo, transcorrido no passado, e não na forma de um relato como seria mais habitual. Através desse outro filme ficamos conhecendo o que aconteceu na vida daquela libanesa corajosa e tão sofrida, que é a protagonista do filme.

Sua saga começa quando ela engravida de um muçulmano (ela é de família cristã e os dois grupos religiosos são inimigos mortais), e vê seus irmãos assassinar o pai de seu filho. É uma gravidez condenada. Depois de dar à luz, é obrigada a ir embora sem a criança. Quando consegue voltar procurando o filho, encontra sua região destruída pela guerra interna, inclusive o orfanato onde ele vivia. Sua vida se enreda mais e mais numa teia de horrores, comuns nas situações de guerra, onde na luta vale tudo. Prisioneira por quinze anos, torturada, violentada e humilhada, consegue sobreviver e vai para o Canadá com os filhos gêmeos que teve na prisão, frutos de constantes estupros a que foi submetida.

O filme nos faz pensar o quanto o homem, na guerra, pode se esquecer de sua humanidade. É como se ele recebesse aval para soltar seus monstros sem assumir responsabilidade por seus atos, passando a sentir-se parte de uma máquina que tudo justifica. Talvez esse seja um dos motivos – além de tantos outros – de as guerras nunca deixarem de existir, apesar de todo o desenvolvimento científico e tecnológico alcançado. Lembro agora da frase final do filme **O Segredo de Brokeback Mountain**, de Ang Lee: “Você tem que agüentar o que não pode consertar”. Isso tem tudo a ver com o trágico da condição humana, de sua impotência, do que não pode ser resolvido nem assimilado, que causa desconforto e sofrimento.

Por um lado, existe todo o empenho da humanidade no processo civilizatório e, por outro, quando em litígio ou guerra, é como se todo o esforço tivesse sido em vão. Parece que há um campo de batalha permanente entre países, entre grupos religiosos ou entre grupos

étnicos, que se perpetua apesar de todos os anseios de paz. E há quem se console acreditando que há um sentido no mundo, onde tudo é organizado como peças que funcionam dentro de um plano maior, incompreensível para os vis mortais. Creio que é uma forma de fugir ao enfrentamento de nossa orfandade, nosso desamparo... Acredito também que essa luta permanente entre guerra e paz, civilização e barbárie (que Darwin tão bem demonstrou na descrição da luta pela sobrevivência!), nada mais é do que a ampliação da luta interna que cada homem trava dentro de si mesmo, entre seus impulsos de vida e impulsos de morte.

Quantas vezes nos perguntamos de onde vem a maldade...

Apesar de Rousseau considerar que o homem é intrinsecamente bom, parece que o mal faz parte de nossa condição humana tanto quanto nossa capacidade de exercer a bondade. No nosso dia-a-dia, é difícil conseguir manipular nossos monstros internos, assim como é difícil olhar sem medo ou mentira para dentro de nós mesmos. Por isso vemos sempre a maldade nos outros, fora de nós, e é difícil perceber que a sentimos, não como de fato foi, mas como a interpretamos. O sentido da violência recebida é mais ou menos dado por nós. Pode nos levar a atitudes também violentas contra o mundo, pode nos isolar em nossa infelicidade, mas também pode permitir que continuemos a viver, a caminhar. Cada uma dessas possibilidades depende da história e das características pessoais de cada um.

Voltando ao filme, fico pensando que alguém que vive situações tão traumáticas quanto a personagem, fatalmente terá sua vida marcada de forma crucial. Penso que ela carregou até a morte o luto por todas as perdas que sofreu, não só a perda física de pessoas queridas, mas a perda de sua juventude dentro de uma prisão terrível, a perda da esperança, dos sonhos, da crença na humanidade. Tanto luto deve ter sido um desorganizador psíquico. O filme deixa entrever que sua relação com os filhos era complicada (não deve ser fácil amar os frutos de um estupro). Imagino o que deve ter sido a vida dessa mulher no Canadá, depois de tudo. Será que ela chegou no “depois”? O filme começa com sua morte, e o legado deixado aos filhos foi como uma bomba em suas vidas.

O filme acaba com a revelação do enigma deixado pela mãe. Me pergunto como os filhos e seu pai vão conviver com isso.

O filme acaba aí, mas continua na cabeça da gente...

Rianete Lopes Botelho (com pitacos da Mônica)



ATÉ LOGO, CINEMA BELAS ARTES

No final dos anos 70, quando éramos turistas, meu ex-marido e eu visitávamos São Paulo, na casa dos meus cunhados.

Sempre íamos ao Belas Artes para assistir a filmes ótimos, que discutíamos depois, nos barzinhos e restaurantes que ficavam, naquela época, bem em frente ao cinema, atravessando a Consolação.

Uma coisa que chamava a minha atenção era o guichê do cinema: eles vendiam entradas sem ter lugar onde a gente se sentar. Muitas vezes era no corredor!!!! A gente descobria isso na hora em que tínhamos que ficar sentados no chão!!!!

Desde então, e até agora, já passaram muitas sessões, muitos momentos especiais, noites, encontros, diferentes companhias e queridas pessoas. Todo mundo sentado no escuro do cinema, aproveitando os filmes e pensando nos cafés e nas conversas que

viriam depois.

Mesmo fechando as portas, o Belas Artes sempre estará aberto nas minhas recordações, sempre haverá um lugarzinho para essas lembranças que ficam em nós.

Assim se foram outros cinemas como o do Objetivo (o Gazeta, com aquelas escadas que a gente subia e subia...), o do Top Center, o do Largo do Arouche, pertinho do restaurante *Le Casserole*, onde a gente tomava vinho e conversava.

André Sturm, proprietário do Belas Artes, promete que ele vai mudar de endereço. Será mesmo? Será que a ave Fênix Belas Artes vai renascer e continuar fornecendo bons momentos?

Se é verdade, eu digo: “ATÉ LOGO, CINEMA BELAS ARTES” !!!

Mercedes Campora

ELISA PITOMBO convida a todos para assistirem o filme **VOCACIONAL – UMA AVENTURA HUMANA** que participará do XVI Festival Internacional de Documentários *É Tudo Verdade*. Ex-aluno do Ginásio Vocacional de São Paulo, o diretor Toni Venturi recupera as memórias e uma experiência educacional arrojada na educação pública, destruída pela ditadura militar, em 1970. Nossa amiga Elisa deu depoimentos para o filme. Haverá duas exibições: no dia 2 de abril, sábado, às 21h e no domingo, dia 3, às 15 h. Nas duas sessões serão no Cine Livraria Cultura (Conjunto Nacional) e as senhas começam a ser distribuídas uma hora antes. Evento gratuito e limitado à capacidade da sala. Veja o trailer: <http://www.youtube.com/watch?v=gO-y-kwYhfE> OLHAR IMAGINÁRIO R. Chabad, 97- Cerqueira César - Tel.: 3459-2818